

# QUANDO BRASILEIROS LIAM PORTUGUESES - OU - SIMÕES LOPES E RAMALHO ORTIGÃO

*Maria Luiza de Carvalho Armando (UFRGS)*

Ainda lia portugueses a geração nascida nos Anos 40; pelo menos, os jovens escolarizados; sobretudo, se contavam com biblioteca caseira; ainda os lia, mesmo se, no primeiro e exclusivo caso, o fazia aos fragmentos e em seleção didática.

Que os liam as gerações anteriores, tal não padece dúvidas, bastando acordar na memória um exemplo histórico: *Os Lusíadas*, em edição escolar expurgada, preparada por Abílio Cesar Borges – o Barão de Macaúbas – "para uso das escolas brasileiras" e de seu famoso colégio, celebrado negativamente (tanto quanto seu dono e Diretor) por Raul Pompéia, em *O Ateneu*.<sup>1</sup>

Essa mesma edição – hoje, rara e, por rara e significativa, preciosa – era utilizada ainda – por exemplo – na Escola Complementar de Porto Alegre, a ancestral das Escolas Normais do Rio Grande do Sul, cujo descendente mais direto é o Instituto de Educação Gal. Flores da Cunha, escola-modelo do Estado.<sup>2</sup>

Por que Simões Lopes não teria lido os portugueses?

Antes dele, leram-nos literatos sul-riograndenses da "geração de 70" brasileira, como já se fez notar em estudo sobre Fontoura Xavier<sup>3</sup>. No caso desse, o parentesco (apenas eventual: o de uma de suas facetas) com Antero de Quental é, aliás, evidente para qualquer bom leitor (parentesco embora na mais radical diferença.)<sup>4</sup>

Por que Simões Lopes não haveria lido os portugueses?

Os jornais de Pelotas na época do escritor (nascido em 1865, Simões morreu em 1916) anunciam muitas obras da literatura universal (ocidental, geralmente); nessa época, ela não só chegava aqui depressa,

como também, tinha livre curso entre letrados e autodidatas). Entre essas obras, muitas de portuguesas (e não só de Oitocentos ou do início deste século).

A única razão plausível para que Simões não os houvesse lido seria que – como já se quis – ele fosse "extreme" de influências literárias, fosse um "rapsodo" intuitivo e "bárbaro" (decerto, era também isso; mas, não só; nem por tal motivo). Já tive ocasião de refutar essa assertiva – provavelmente, interpretação algo adulterada daquilo que lhe deu origem –, aduzindo provas em contrário<sup>5</sup>. E já se fez notar que Simões conhecia, pelo menos, Coelho Neto.<sup>6</sup>

Já mostrei, também, que o título de uma das séries de crônicas simonianas não é – ao que parece – original: é idêntico ao de uma das séries de crônicas de Machado de Assis, anterior à de nosso conterrâneo<sup>7</sup>. Portanto, Simões lia; ao menos, folhetins, artigos, jornais... E não desconheceu os escritos de Machado, pelo visto.

Também tive ocasião de apontar, em **Casos do Romualdo**<sup>8</sup> – que no meu entender, é a obra regionalista-crítica de Simões –, duas paródias de textos poéticos eruditos: uma, do clássico-mor da lusofonia, **Os Lusíadas**, acima citado; outra, do parnasiano brasileiro Raimundo Correia, em seu famoso soneto "As pombas", freqüentador indefectível das antologias escolares brasileiras, até tempos não há muito idos. Trata-se de fragmentos dessas obras; não por isso a paródia é menos significativa.<sup>9</sup>

A de Camões aparece em "Oitenta e sete", relato de fabulosas aventuras descosidas que sucede o conjunto da maioria dos casos do Romualdo e precede a sucessão – febril e célere – de pequenos "causos" constituída por "Algumas miudezas" (encerramento delirante da obra); relato que, nos processos característicos e na sua coerente incoerência, bem exemplifica o todo de que faz parte. Aí, ao referir-se a uma das incríveis aventuras que lhe ocorreram durante uma – por isso mesmo – incrível viagem, e recorrendo ao método – típico seu – de prevenir o ouvinte contra a descrença, Romualdo afirma: "e eu vi, patentemente visto, e ouvi, patentemente ouvido..."<sup>10</sup>

Ora, o que o herói simoniano diz que viu, de forma assim indiscutível, foram uns "peixinhos amarelos, muito espertinhos" que, como um "bando de canários", cantavam de forma encantadora. Mas a qualquer leitor d'**Os Lusíadas** ocorre de imediato, suscitada pela expressão tautológica de Romualdo, a conhecida passagem de Camões que alude ao fogo de santelmo: "Vi, claramente visto, o lume vivo"... (Canto V, estância XVIII). E a analogia não é apenas lingüística: é também semântica,

pois, tão grande maravilha (e no mesmo cenário marinho...) era "o lume vivo / Que a marítima gente tem por santo" referido pelo eu-poético-narrador d'*Os Lusíadas*, quanto os peixinhos canoros vistos pelo personagem-narrador simoniano, em bandos sobre rochedos, graciosos e saltitantes.

No que respeita ao citado parnasiano brasileiro, é ele "premiado" por Simões em outro "causo do Romualdo", o do famoso "gringo das linguiças" que atraía uma multidão constante de cachorros chimarrões às vizinhanças de seu suspeito bolicho. Quando, grato a Romualdo por um grande auxílio que esse lhe prestara, o astucioso e desonesto gringo lhe revela o seu segredo, diz, referindo-se à mencionada cachorrada: "Vem o primeiro farejando, outro e mais outro vem; enfim dezenas de cachorros vão chegando, apenas no ar o cheiro de fritura anda voando!..." (*Causos do Romualdo*, ed. cit., nota 9, tir. cit., p.133).

A alusão paródica não pode ser mais clara: "Vai-se a primeira pomba despertada... / Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas / De pombas vão-se dos pombais apenas / Raia sangüínea e fresca a madrugada..."<sup>11</sup>

Fica provado, pois, que Simões havia lido *Os Lusíadas* (ao menos, uma estância do Canto V), bem como Raimundo Correia (ao menos, o mencionado soneto).

É forçoso concluir que ele passara pelas antologias escolares (e isso é apenas demonstração de um a priori provável, já que o Autor – como se sabe – foi um indivíduo escolarizado).

Longe chega, contudo, quem vai devagar: admita-se que, se um outro provavelmente culto – e, tal Simões, também dado como "bárbaro" – Pedro Canga, se popularizou, talvez Camões e Correia houvessem tido uma igual sorte.<sup>13</sup>

Bem mais difícil, porém, senão impossível, é admitir-se que Simões tivesse conhecido num galpão crioulo os escritos de Ramalho Ortigão e Guilherme de Azevedo.

Veja-se de que se trata. Entre os títulos que constituem a obra de Ramalho Ortigão – o conhecido autor d'*As farpas*<sup>14</sup> – há um, *Costumes e perfis* (publicado somente em 1944) em que se coligem escritos do Autor aparecidos no *Álbum de costumes portugueses* (1888) (ano em que Simões Lopes estreou-se no jornalismo, em Pelotas, RS) e no *Álbum das glórias* (1880-83). Neste último, Ramalho usava o pseudônimo de

João Ribaixo, enquanto que seu "compincha" aí, Guilherme de Azevedo, usava o de João Rialto.<sup>15</sup>

Em artigo anterior ao presente, tratando da obra jornalística de Simões<sup>16</sup>, referi-me aos pseudônimos que ele usou em sua fase de estréia na crônica, conforme constatação de Ângelo Pires Moreira<sup>17</sup>, constatação que poderá ser refeita por quem se dirigir aos jornais pelotenses onde se encontram os escritos dessa fase. (Embora em lamentável estado, esses jornais se mantêm em vida; não por muito tempo, porém, se a incúria nossa em relação a nosso patrimônio não se converter rapidamente no contrário).

Pois bem: dois dos pseudônimos de que o jovem Simões se utilizou então foram justamente João Ribaixo e João Rialto...

Meu inventivo conterrâneo, se é que de fato se inspirou em Ramalho Ortigão e Guilherme de Azevedo, não se contentou com adotar-lhes os pseudônimos do *Álbum das glórias*: multiplicou-os em variantes de sua lavra, assinando as referidas crônicas de 1888/89 com uma floração de Joões; e – não satisfeito com eles – de Jobs, ocorrendo-lhe talvez o nome bíblico pelo caráter (falsamente) lamentoso que adiciona ao cômico de suas crônicas ao abordar temas da "terrinha". Tal duplo caráter é bem ilustrado pelo verso "Foi uma pena e teve graça" que se repete num triolé da época, no qual Simões comenta um insucesso qualquer na apresentação de certa "companhia" (musical, pelo que se depreende da crônica). Aliás, essa crônica é uma das que subscreve com o pseudônimo de João Rforte.<sup>18</sup>

Com isso, não pretendo ter provado que Simões lia, abeberando-se, entre outras, em fontes de além-mar. Pode-se tratar de simples coincidência...

Mas, se não se trata de simples coincidência, tem-se aí um elemento mais para afirmar-se que o Autor – tal como Pedro Canga – não foi apenas um "rapsodo bárbaro"...

## Notas

- 1 – *Os Lusíadas* – Poema épico de Luís de Camões. Edição publicada pelo Dr. Abílio Cesar Borges, para uso das escolas brasileiras, na qual se acham supressas todas as estâncias que não devem ser li-

das pelos meninos. Bruxelas, Typographia e Lithographia E. Guyot, 1879.

- 2 – Com isso, não quero dizer que essa edição era adotada na Escola Complementar. Mas posso afirmar que era usada por alunos dessa Escola, por possuir eu um exemplar que foi de minha mãe, aluna dessa escola no início da década de 20.
- 3 – Zilberman, Regina "Fontoura Xavier: sua época e seus poemas", In **Xavier, Fontoura, Opalas**, Porto Alegre, Centro de Pesquisas Literárias/Pró-Reitoria de pesquisa e Pós-Graduação - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 5. ed., 1984, p.XV a XXIII. A Autora cita estudo de Antônio Cândido sobre a "geração de 70" brasileira.
- 4 – Abordei esse tema em comunicação apresentada numa sessão de homenagem a Antero de Quental, pelo centenário de sua morte, sessão que teve lugar na Câmara Municipal de Porto Alegre, em setembro de 1991.
- 5 – Armando, Maria Luiza de Carvalho, "Simões Lopes jornalista: quatro textos descobertos", **Letras de Hoje**, vol. 25, fasc. 02, Porto Alegre, EdIPUCRS, 1990, p.33 a 45. Para a fonte dessa idéia e das expressões cit., v. nota 10, p.41, Op.cit.
- 6 – Coelho Neto escreveu ao Autor duas cartas. Uma, a respeito de "A Mboitatá", In Lopes neto, João Simões, **Contos gauchescos e Lendas do Sul**, Ed. crft. com introd., var., notas e gloss. por Aurélio B. de Hollanda, pref. e nota de A. Meyer, posf. de C. Reverbel, R. de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo, Edit. Globo, 2. ed., 4ª impr., 1961, p.277-286. A carta de C. Neto vem publicada à p.279, Op.cit. Dela se infere que o escritor havia incentivado Simões em suas pesquisas folclóricas e, após, havia lido "A Mboitatá" recriada por Simões. A outra carta (in Op.cit., ed. cit., p.327) é de agradecimentos: Simões dedicou a C. Neto a lenda "O Negrinho do Pastoreio" (In Op.cit., ed. cit., p.325-336). Mas também trata do trabalho com o folclore e louva Simões pelo que fez. Claro, isso apenas comprova que os dois escritores mantiveram contatos (e não, forçosamente, que Simões havia lido a obra de C. Neto); o que não admira: C. Neto visitou Pelotas em fins de 1906.
- 7 – Ver Armando, M.L. de C., artigo cit. nota (5) acima, Op.cit., p.40, nota (1).

- 8 – Lopes Neto, J. Simões, **Casos do Romualdo - Contos gauchescos**, R. de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo, Edit. Globo, 1. ed., 3ª tir., 1973 (Coleção Província) (pref. de Augusto Meyer):
- 9 – Cf. Armando, Maria Luiza de Carvalho, **Le régionalisme littéraire et le "mythe du gaúcho" dans l'extrême-Sud brésilien – Le cas de Simões Lopes Neto**, tome II: **Simões Lopes Neto et le "mythe du gaúcho"** (analyse textuelle), Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Université de Paris-III, Sorbonne Nouvelle, 1984, p.228-229.
- 10 – Op. cit., nota (8) acima, ed. cit., p.178.
- 11 – Correia, Raimundo, "As pombas", in Abdala Jr., Benjamin (org.), **Antologia de poesia brasileira – Realismo e Parnasianismo**. São Paulo, Edit. Ática, 1985 (Série Bom Livro), p.35.
- 12 – Blau Nunes: narrador (e, por vezes, personagem-narrador) de **Contos gauchescos**, de J. Simões Lopes Neto (v. nota 6 acima), gaúcho-peão dos "velhos e bons tempos".
- 13 – V. Cesar, Guilhermino, **O embuçado do Herval - Mito e poesia de Pedro Canga**, Porto Alegre, Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1968.
- 14 – Ver por exemplo, Ortigão, Ramalho, **Farpas escolhidas**, sel. e introd. por Ernesto Rodrigues, s/l [Lisboa], s/d. [Ed. Ulisseia], s/d (Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses).
- 15 – O termo "compincha" é de E. Rodrigues, na introd. cit. na nota (13) acima, op.cit., p.14. Dever-se ao Autor as informações aqui trazidas. A carência local de bibliografia portuguesa impediu confronto dessa fonte com outras, bem como consulta em primeira mão, já que não se dispõe localmente do **Álbum das glórias**. (Cf. Rodrigues, Ernesto, "Introdução", in Ortigão, Op.cit., nota 14 acima, ed. cit., p.14).
- 16 – Ver nota (5) acima.
- 17 – Ver Moreira, Ângelo Pires, **A outra face de J. Simões Lopes Neto**, 1º vol., Porto Alegre, Martins Livreiro Editor, 1983.
- 18 – Cf. Rifforte, João [J. Simões Lopes Neto]. **A Pátria, Pelotas (RS)**, 02 de julho 1888, p.1. (Transcrita por A.P. Moreira, Op.cit., nota anterior, ed.cit., p.9). Mostrei (cf. artigo cit. nota 5 acima) que, ao contrário do que se pensava, não foi essa a primeira crônica publicada por Simões. Nessa fase, o Autor compunha suas crônicas em versos, sob a forma do triolé.